

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NO ENSINO
SUPERIOR**

FRANCINI MEDEIROS DE SOUZA PAULO

**METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR E DESENVOLVIMENTO DA
AUTONOMIA**

CRICIÚMA, SETEMBRO DE 2011

FRANCINI MEDEIROS DE SOUZA PAULO

**METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR E DESENVOLVIMENTO DA
AUTONOMIA**

Monografia apresentada ao Setor de Pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, para a obtenção do título de especialista em Docência no Ensino Superior.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Luiz de Bittencourt

CRICIÚMA, SETEMBRO DE 2011

Dedico esta pesquisa a toda minha família e ao meu marido, amo muito cada um de vocês. Vocês são a minha vida!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por estar sempre comigo, iluminando-me nos meus estudos e no meu trabalho.

Também agradeço a toda minha família, meus pais, Ronivaldo e Marli, meus irmãos, Francieli e Rhenan, meu cunhado Reginaldo, meus sobrinhos e afilhados, Bianca e Rhyan, todos sempre me apoiaram desde o curso de Pedagogia e, também, nesta especialização, amo vocês!

Ao meu marido Rogério, que com todo amor e carinho me acompanhou na preparação e escrita dessa pesquisa. Te amo meu amor, obrigada por tudo!

Agradeço ao meu orientador, Ricardo, que mais uma vez escolhi este professor admirável para orientar-me numa pesquisa. Por tudo, professor, muito obrigada!

Aos cursos de graduação, Engenharia Civil e Pedagogia da UNESC, que aceitaram a realização desta pesquisa, principalmente aos alunos que se dispuseram a participar do questionário.

Aqui deixo, também, meu agradecimento a todos os meus amigos do curso de Especialização, principalmente ao Fábio, Diana e Patrícia S. Foram muitos momentos estudando junto e trocando idéias.

À minha amiga Maiara e toda sua família, que me agüentaram todas as sextas-feiras que havia aula, em sua casa, me ajudaram muito, Obrigada! Te amo Maiara, meu anjo!

À minha amiga Vanessa que com muita dedicação, ajudou-me nesta pesquisa, fazendo a revisão gramatical, mesmo não podendo. Obrigada!

Ao corpo docente do curso de Docência no Ensino Superior e à coordenação da pós-graduação da UNESC, que nos ajudaram a construir novos conhecimentos, ampliando os que já existiam.

“O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico”.

Paulo Freire

RESUMO

A relação professor-aluno é importante no processo de ensino-aprendizagem para a construção da autonomia. Contudo, ainda se faz presente no Ensino Superior, a educação baseada numa concepção de desenvolvimento e aprendizagem ambientalista. Esta concepção se fundamenta na transmissão de conhecimento, o que contribui para que o aluno tenha poucas possibilidades de questionar e refletir sobre o que está sendo ensinado. Na concepção histórico-cultural, o papel do professor é o de mediador entre aluno e conhecimento. Prioriza-se a reflexão, o diálogo e relações pedagógicas fundamentadas no exercício da autoridade e da autonomia. Sempre houve preocupação com o desenvolvimento da autonomia no Ensino Superior, pois, muitas vezes, escuta-se alunos reclamando de professores coercitivos e professores falando de alunos despreocupados. Nesse sentido, há esta apreensão com a relação professor e aluno no Ensino Superior, se o professor planeja sua aula pautada na construção da autonomia, na reflexão e criticidade dos acadêmicos. Esta pesquisa foi desenvolvida com os estudantes, questionando-os se percebem que a metodologia do professor está baseada na autonomia, na construção e reconstrução dos conhecimentos. Foram analisados os questionários respondidos por alunos da última fase dos cursos de Pedagogia e de Engenharia Civil da UNESC do 1º semestre de 2011. O referencial teórico foi baseado em autores que estudam sobre o Ensino Superior e a prática de ensino do docente, que por meio da competência, habilidade e atitude oportuniza o desenvolvimento da autonomia do discente, tendo como tema, a formação de professores universitários. A educação numa visão progressista requer do professor a construção da sua autoridade. Enquanto o autoritarismo sustenta-se na coerção, a autoridade ancora-se na autonomia.

Palavras-chave: Autonomia. Formação de professores. Ensino Superior.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Sexo dos entrevistados.....	28
Gráfico 2 – Profissão dos entrevistados.....	29
Gráfico 3 – Desenvolvimento de trabalhos de pesquisa, explorando dados teóricos e práticos.....	29
Gráfico 4 – Uso de tecnologias diversificadas.....	30
Gráfico 5 – Forma expositiva do professor com troca de conhecimentos.....	31
Gráfico 6 – Contribuição das atividades para o desenvolvimento da autonomia.....	32
Gráfico 7 – Conteúdos explanados com relação de teoria e prática.....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Disciplinas escolhidas pelos acadêmicos do curso EC.....36

Tabela 2 – Disciplinas escolhidas pelos acadêmicos do curso P.....36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

FUCRI – Fundação Educacional de Criciúma

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FORMAÇÃO DE PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR	13
3 AUTONOMIA NO ENSINO SUPERIOR.....	20
3.1 Diretrizes Curriculares Nacionais: Engenharias	21
3.2 Diretrizes Curriculares Nacionais: Pedagogia - Licenciatura.....	23
4 METODOLOGIA	25
4.1 Abordagem Metodológica	25
4.2 População e Amostra.....	26
4.3 Instrumento de Coleta de Dados	26
4.4 Caracterização do Local de Estudo	26
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	28
6 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE.....	45
ANEXO	48

1 INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre a autonomia no Ensino Superior envolve muitas discussões. Há a relação professor e aluno, a metodologia e didática utilizada, o envolvimento e responsabilidade por parte dos alunos, entre outros. Este trabalho focará na metodologia e didática do professor.

Buscou-se entender o desenvolvimento da autonomia de alunos do Ensino Superior, percebendo como a metodologia utilizada pelo professor promove este desenvolvimento. Pensando nisso, foi estudada a formação docente do Ensino Superior que auxilia e promove o debate sobre planejamento, avaliação, estudo e didática de ensino.

A relação professor e aluno não passa despercebido, pois é uma relação interpessoal essencial, visto que traz segurança, comprometimento e respeito aos sujeitos em questão.

A pesquisa foi desenvolvida com alunos da última fase dos cursos de graduação em Engenharia Cível e Pedagogia da UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense do 1º semestre de 2011, a partir da aplicação do questionário.

Com a pesquisa de campo, foi focalizada a percepção dos alunos frente à metodologia utilizada pelo professor para, assim, entender se há o desenvolvimento da autonomia em sala de aula, por meio de construção de projetos, pesquisas, estudos, uso de tecnologia, aulas expositivas com debates e trocas de conhecimento.

Seus objetivos são:

- Analisar como a metodologia do professor desenvolve a autonomia dos alunos de Pedagogia e Engenharia Cível;
- Investigar se os estudantes percebem a relação entre a prática de ensino do professor e o desenvolvimento da autonomia do aluno;
- Verificar como se estabelecem as relações professor e aluno nos cursos de Pedagogia e Engenharia Cível;
- Pesquisar as relações entre a metodologia de ensino e o desenvolvimento da autonomia;

- Examinar a importância do tripé universitário, ensino, pesquisa e extensão para o exercício da autonomia.

Inicialmente, apresentaremos o referencial teórico que trata da formação do professor do ensino superior, a pedagogia universitária. Posteriormente, abordaremos sobre a autonomia, o que diz nas diretrizes curriculares dos cursos pesquisados sobre este termo.

A partir do estudo e fundamentação teórica teremos a metodologia e análise dos dados coletados pelo questionário com os cursos de graduação aqui já explicitados.

Finaliza-se este trabalho encontrando a conclusão dos objetivos e mostrando a contribuição deste trabalho para a educação universitária.

Portanto, procuramos aqui, enfatizar que os docentes do Ensino Superior precisam estar preparados para um ensino de qualidade, em que desenvolvam um ambiente acadêmico que promova a autonomia dos discentes, contribuindo para uma formação profissional mais qualificada.

2 FORMAÇÃO DE PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR

Muito se fala de inovações na educação, de novas maneiras de ensinar, procurando a melhor forma de mediar o conhecimento entre professor e aluno. O Ensino Superior, em si, também está presente nessas discussões, para refletir a prática dos docentes, mostrando uma perspectiva emancipatória.

Estas inovações iniciaram desde a década de 20, com a Escola Nova, para mostrar o descontentamento com a política brasileira, mas parou com a Era Vargas, vindo com força nos anos de 1960, como diz Cunha (2001, p.134):

[...] as experiências inovadoras na educação brasileira se acentuaram no contexto histórico-social dos anos de 1960. Entretanto, já a partir da década de 1920, com a influência da revolução urbana e industrial e o descontentamento com a política brasileira da época, a sociedade se uniu para alterar a situação que vivenciava.

Estas experiências inovadoras fizeram com que idéias educacionais fossem inseridas nas Constituições de 1934 e 1937, além da criação do Ministério da Educação e Saúde. Dos anos de 1960 a 1970 foram marcados de movimentos estudantis para melhoria no Ensino Superior, mesmo sendo na resistência da ditadura, houve, então, a proposta de Lei da Reforma Universidade, em 1968. (CUNHA, 2001)

Dessa época em diante, leis foram criadas e propostas, mostrando que a educação precisava de um cuidado especial, de estudo e avaliação.

Durante anos, houve tendências tecnicistas e ambientalistas, mas hoje “o espaço educativo e acadêmico vem produzindo resistências e experiências alternativas onde procura-se a construção de um conceito emancipatório de inovação”. (CUNHA, 2001, p.141).

Nesse sentido, os docentes necessitam utilizar inovações pedagógicas e tecnológicas, para que produzam atividades e construam momentos alternativos e diferenciados em que proponham a mediação do conhecimento. Assim, alunos e professores desenvolveram novos olhares frente a conhecimentos e informações, sendo críticos e reflexivos a tudo que acontece ao nosso redor.

As características básicas desta inovação emancipatória são baseadas na gestão participativa; ruptura da forma tradicional de ensinar e aprender; relacionando

teoria e prática; onde o espaço educativo seja um lugar de desenvolver a capacidade de troca de conhecimento, reconfigurando saberes (CUNHA, 2001).

Com esta visão emancipatória, a posição de autoridade do professor em sala de aula para a mediação do conhecimento é muito importante, por isso, este assunto é presente em várias discussões, principalmente no Ensino Superior, pois este é o local da formação de novos profissionais para a sociedade, mas deve-se observar qual o conceito de autoridade está sendo sugerido neste estudo.

Procurando no dicionário o termo autoridade, encontraremos o seguinte significado: “direito ou poder de dar ordens e fazer-se obedecer, tomar decisões” (FERREIRA, 1999, eletrônico), ou seja, significa uma pessoa que tem influência maior em sala de aula e esta pessoa é o professor. Porém, não necessita abusar da autoridade na relação escolar, já que o uso excessivo do poder não é autoridade, mas autoritarismo.

Na realidade, a noção de *autoridade* – central em nossa abordagem – parece distinguir-se da noção de poder pelo fato de, em sintonia com sua raiz etimológica, seu significado estar associado à noção de autor, isto é, à idéia de criador, de um agente que se encontra na origem de sua própria ação e que é capaz de se *autorizar* – ao passo que a palavra *poder* nos remete mais para a idéia de procuração, mandato, de ter influência ou força. (CORREIA; MATOS, 1999, p.14)

Partindo deste princípio, entende-se que o conceito de autoridade trabalhado aqui é o de professor, ator e mediador do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem em que “o diálogo, a compreensão, o entendimento e a cooperação são os melhores caminhos para o trabalho em sala de aula. Todos esses instrumentos depreendem orientação, clareza, princípios, conhecimento, inteligência e liderança (autoridade) do professor.” (MACHADO, 2008 apud SOUZA, 2008, p.23).

Diferenciando a autoridade do autoritarismo, podemos perceber o quão é importante a visão da prática pedagógica que o professor utiliza em sala de aula, visando entender melhor seu posicionamento e sua visão de cidadania, sociedade e reflexão.

Quando o professor se posiciona com autoridade, alunos se sentem seguros e autônomos para que haja a troca de conhecimento, de poder analisar, falar e expor sua opinião, desde que coerente, e não só ouvir e copiar.

Para se ter esta educação pautada no diálogo e no respeito entre professor e aluno, a formação do professor universitário tem vários desafios e possibilidades para acontecer de forma significativa, onde, de forma coletiva, cada professor assuma “[...] a reflexão sobre a prática como eixo estruturante para o processo de desenvolvimento docente” (BATISTA; BATISTA, 2002, p.201).

O se auto-avaliar assusta muitos professores, mas, por outro lado, é muito necessário para que se possa analisar os erros e acertos frente aos alunos. Poder refletir positiva e negativamente sobre seu posicionamento traz segurança e autonomia para que o professor seja uma autoridade no ambiente escolar. Aquele que aprende com erros, aprende valorizando o seu trabalho.

Na formação de professores, são necessários momentos de discussão em que haja troca de conhecimentos e de práticas, para que possam juntos, analisar seus caminhos pedagógicos. Numa profissionalização docente, não há aulas a serem lecionadas, e sim, momentos de reflexão para analisar como está sendo o trabalho em sala de aula, pois “o desenvolvimento docente se dá por meio da reflexão e da avaliação das próprias práticas. Esse processo possibilita que sejam evidenciados os embriões para seu aprimoramento e para a formulação de soluções inovadoras”. (PIMENTA; ANASTASIOU; CAVALLET, 2002, p.208).

Podemos dizer que o “ator principal” do cotidiano escolar ou universitário é o professor, pois é a partir dele que as informações são mediadas aos alunos de forma que possam se transformar em conhecimento. Por isso, entende-se que formar os professores, é realmente, formar a educação num todo.

Toda a formação docente não são aulas, em que os professores viram alunos para aprender a trabalhar, mas “[...] parceiros e atores de sua própria formação, que eles vão definir em sua própria linguagem e em função de seus próprios objetivos [...]” (TARDIF, 2002. p. 292)

Assim, a formação dos docentes universitários deve partir da troca de saberes entre os mesmos, já que são eles os sujeitos que trabalham neste ofício tão importante para o desenvolvimento da sociedade, sendo professores que formam e educam no ambiente de trabalho.

[...] Noutras palavras, o que se propõe é considerar os professores como sujeitos que possuem, utilizam e produzem saberes específicos ao seu ofício, seu trabalho. A grande importância dessa perspectiva reside no fato de os professores ocuparem, na escola, uma posição fundamental em relação ao conjunto dos agentes escolares: em seu trabalho cotidiano com

os alunos, são eles os principais atores e mediadores da cultura e dos saberes escolares. Em suma, é sobre os ombros deles que repousa no fim das contas, a missão educativa da escola. (TARDIF, 2002. p. 228)

A formação de professores não será uma receita de como trabalhar, mas instigar a sempre buscar mais conhecimentos, na importância de se perceber educador e formador de profissionais, em que as exigências sociais devem fazer parte deste estudo. Assim, o papel do docente universitário “não pode vincular-se apenas ao domínio e à transmissão dos conteúdos de sua disciplina, devendo estender-se à gestão do processo educativo com seus alunos, à preparação do aprender a aprender”. (GARCIA apud BATISTA; BATISTA, 2002, p.186).

Para Contreras (2002), o docente autônomo é o profissional reflexivo e o intelectual crítico, assim, não trabalhará com receitas pré-determinadas de ensino, mas sim idealizadas juntamente com seu ambiente de trabalho, seja a escola ou a universidade. Assim, o contexto histórico-cultural da comunidade escolar estará sendo respeitado e será o ponto inicial de trabalho.

Nesse sentido, o professor do Ensino Superior precisa envolver-se em seu trabalho acadêmico, relacionar-se com seus alunos e ter domínio de conteúdo e de aspectos didáticos, produzindo e assumindo sua independência intelectual, com uma postura ética de preocupação com as ações acadêmicas. (BATISTA; BATISTA, 2002).

Muitos professores universitários são formados em suas áreas específicas, porém não têm habilidades didático-pedagógicas para se tornar um educador. No início do Ensino Superior no Brasil até a década de 70, muitos profissionais de áreas distintas eram convidados a lecionar, porém nas últimas décadas foram percebendo que não basta só saber conteúdos específicos de sua área e ser um bom profissional. Para lecionar, é necessário um saber pedagógico, um método de ensino. (VOLPATO, 2008)

Esse pensamento, nessa época, era muito favorável para a concepção de aprendizagem tradicional, pois trabalhava de forma que os professores transmitiam seus conhecimentos e experiências. Como diz Masetto (1998, apud VOLPATO, 2007, p. 45):

[...] essa situação se fundamenta em uma crença inquestionável até bem pouco tempo, vivida tanto pela instituição que convidava o profissional a ser professor quanto pela pessoa convidada ao aceitar o convite: *quem sabe,*

automaticamente, sabe ensinar. Mesmo porque ensinar significava ministrar grandes aulas expositivas ou palestras sobre um determinado assunto dominado pelo conferencista, mostrar, na prática, como se fazia; e isso um profissional saberia fazer.

Com o enfoque atual, na formação docente, entende-se que os professores necessitam saber o conteúdo de sua disciplina, mas também como trabalhar de forma reflexiva este conteúdo, por isso se torna tão importante a formação de professores, pautada na pedagogia universitária e no tripé ensino, pesquisa e extensão.

Em seu sentido mais simples, ensino é a mediação do professor, entre o aluno e a informação, para que esta se transforme em conhecimento. No entanto, o ensino com a pesquisa acaba tendo uma relação indissolúvel para que possa, cientificamente, utilizar desse conhecimento teórico em pesquisas práticas. Assim temos uma situação de “ensino e aprendizagem em que professores e alunos trabalham em conjunto na busca de soluções para problemas científicos extraídos da realidade homem-natureza” (BALZAN, 2000. p.125).

Então, podemos entender que quando o ensino é trabalhado com a pesquisa traz muito mais conhecimentos aos discentes, fazendo que consigam relacionar teoria e prática, além de desenvolver o senso crítico de investigação sobre a realidade, sendo esta, a extensão.

Por ter tantos profissionais formados em outras áreas, trabalhando como professor em universidades, a formação de professores se faz essencial para poderem lecionar de forma grandiosa em sala de aula, pois “todo saber implica um processo de aprendizagem e formação” (TARDIF, 2002. p. 35).

Com efeito, ser professor não é fácil, mas não pode se tornar impossível. O docente, como profissional de qualquer outra área, não pode parar de se atualizar, de se formar. No entanto, a preocupação maior é que são responsáveis por formar outras pessoas que, futuramente, se tornarão profissionais em áreas diversas, e necessitarão de tudo o que fora mediado, construído em seus tempos de graduação. Por isso,

[...] o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos. (TARDIF, 2002. p. 39).

Estudar aspectos didáticos e pedagógicos é investigar, criar situações de aprendizagem, é saber avaliar o conteúdo, é desenvolver um espaço de ensino-aprendizagem participativo em que os acadêmicos sejam conduzidos a ter autonomia de buscar e refletir as informações, apreendendo o conhecimento. Assim haverá a troca de conhecimento e, simultaneamente, a transformação da sociedade.

Diante dos novos desafios para a docência, o domínio restrito de uma área científica do conhecimento não é suficiente. O professor deve desenvolver também um saber pedagógico e um saber político. Este possibilita ao docente, pela ação educativa, a construção da consciência, numa sociedade globalizada, complexa e contraditória. Conscientes, docentes e discentes fazem-se sujeitos da educação. O saber-fazer pedagógico, por sua vez, possibilita ao educando a apreensão e a contextualização do conhecimento científico elaborado. (PIMENTA; ANASTASIOU; CAVALLET, 2002, p.212).

Com esta formação e estudo, o professor universitário preocupado com seus acadêmicos propiciará um espaço de mediação em que possa ser desenvolvida a autonomia do aluno, onde possa pesquisar, elaborar e trocar conhecimentos com o professor e colegas, havendo uma relação de afinidade entre professor e o aluno e também aluno e os colegas.

A confiança, o carinho, a boa convivência em sala de aula faz com que alunos e professores se assumam como sujeitos sociais. Com esta idéia, construirão juntos a autonomia dos alunos para, assim, haver, além de uma relação harmoniosa, uma independência e participação democrática do aluno em sala de aula e na sua vida sócio-cultural. (SOUZA, 2008, p.20)

Nesse sentido, o acadêmico terá autonomia para pesquisar e buscar conhecimento, pois vai sentir importância de construí-lo para se tornar um profissional cada vez melhor em sua área específica, visto que é estimulado pelo docente a ser autônomo.

Embora se saiba a importância da prática pedagógica baseada na autoridade do professor para propiciar o desenvolvimento da autonomia do acadêmico, muitos professores universitários não estão preparados para lecionar de acordo com os saberes pedagógicos.

Muitas reflexões sobre este tema estão sendo realizadas, mas “ainda não se percebem alterações substantivas, pois sabemos que a maioria dos professores

não se prepara para o exercício da docência no sentido de melhor compreender os saberes profissionais que lhes são próprios.” (VOLPATO, 2007. p. 47).

Por mais que o profissional saiba muitos conteúdos que são de sua área, não, conseqüentemente, saberá trabalhá-los e mediá-los em sala de aula, afim de que seus educandos construam seus próprios conhecimentos, de forma autônoma e reflexiva.

Os saberes pedagógicos e didáticos necessitam ser estudados por todos aqueles que querem se profissionalizar como docente, pois é necessário que a docência seja encarada como profissão, já que para muitos professores universitários “primeiro se é médico, engenheiro, advogado, e depois professor”. (BATISTA; BATISTA, 2002. p. 193). Da mesma forma que devem se atualizar e se apropriarem de novos conhecimentos em suas áreas específicas, os docentes precisam conhecer e apropriar-se dos saberes pedagógico para sua docência.

Assim, entende-se que “fazer-se professor no processo continuado requer intencionalidade, envolvimento, disponibilidade para mudança, espaço institucional, coragem, riscos, flexibilidade mental, enfrentando as alterações previsíveis e imprevisíveis” (PIMENTA; ANASTASIOU; CAVALLET, 2002. p. 220).

Em suma, para a construção da docência no Ensino Superior necessita-se do envolvimento dos professores universitários para sua própria formação profissional, em que possam avaliar e trocar experiências e conhecimentos com o corpo docente, além de apropriar-se de saberes pedagógicos e didáticos a fim de propiciar o desenvolvimento crítico-reflexivo em seus acadêmicos.

3 AUTONOMIA NO ENSINO SUPERIOR

A educação pode ser entendida como um processo de construção e desenvolvimento do conhecimento com a participação de todos os envolvidos em sala de aula, docentes e discentes, para que, assim, haja a transformação da sociedade.

Para enriquecer este processo educativo, em que tenha troca de conhecimentos, a construção da autonomia, o crescimento individual e intelectual se faz muito importante, pois educar é contribuir para o desenvolvimento do indivíduo em suas múltiplas dimensões.

Neste sentido, também no Ensino Superior se faz necessário a reflexão crítica sobre os conhecimentos e informações recebidas, para que haja a formação de um acadêmico responsável pelo seu estudo, sua carreira profissional.

Partindo deste princípio, analisamos as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos em que realizamos a pesquisa de campo, Engenharia Civil e Pedagogia. Este documento tem como objetivo definir os princípios, fundamentos e organizações de cada área ou curso específico.

Tendo em base esse documento, cada curso constrói e reconstrói, quando necessário, o PPC, Projeto Pedagógico do Curso. Este projeto mostra a situação real e ideal do curso, além de trazer o perfil do educador, do acadêmico, da universidade, entre outros pontos importantes para o processo de ensino-aprendizagem.

Tanto o PPC quanto as Diretrizes Curriculares Nacionais devem estar interligadas, pois, os dois documentos querem somar para se ter uma educação com mais qualidade, onde formem profissionais que auxiliem na transformação da sociedade.

Portanto, a metodologia do docente precisa estar embasada nos dois documentos para não haver divergências entre a teoria e prática, fazendo uma “ruptura com a forma tradicional de ensinar e aprender”. (CUNHA, 2001. p.143). Assim, trabalhará com uma “gestão participativa, onde os sujeitos do processo inovador sejam protagonistas da experiência.” (CUNHA, 2001. p. 143).

No entanto, o que será observado nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos pesquisados é a presença da temática autonomia nesses documentos.

Entendemos aqui, que autonomia, é toda e qualquer manifestação crítica reflexiva de uma informação recebida, de forma respeitosa em todo e qualquer ambiente. Trazendo para o ambiente escolar ou universitário, é quando o acadêmico pode construir conhecimentos com a mediação do docente, além de pesquisar e refletir sobre o que é o passado, tendo um processo de ensino-aprendizagem. (SOUZA, 2008).

Com esse conceito de autonomia, percebemos que a metodologia do professor é muito importante para que haja o desenvolvimento da autonomia do acadêmico. Pois, o professor deve, como diz Pimenta; Anastasiou; Cavallet (2002, p. 211): “[...] propiciar o domínio de um conjunto de conhecimentos [...] e conduzir a uma progressiva autonomia do aluno na busca do conhecimento”. Assim, desenvolverá a capacidade de reflexão.

Portanto, neste momento, iremos perceber a ratificação deste conceito de autonomia nos devidos documentos.

3.1 Diretrizes Curriculares Nacionais: Engenharias

O referido documento traz vários tópicos para serem analisados, como o perfil dos egressos; competências e habilidades; estrutura do curso, conteúdos curriculares e estágios.

Durante a leitura do texto, percebi que não há menção da palavra autonomia em nenhum momento. Porém percebemos algumas características que se faz presente num indivíduo autônomo, principalmente quando se comenta no perfil do egresso.

O Curso de Graduação em Engenharia tem como perfil do formando egresso/profissional o engenheiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, capacitado a absorver e desenvolver novas tecnologias, estimulando a sua atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade. (BRASIL, 2002. p. 1).

Entendemos que para um egresso se tornar um profissional com todo esse perfil, necessita haver uma educação de qualidade, em que haja participação e reflexão de forma autônoma no curso, além de partir do contexto histórico-social do acadêmico, respeitando-o. Se não há criticidade nos anos de formação, em que o

acadêmico explore sua criatividade e seus conhecimentos, não haverá, no futuro, um bom profissional, seguro de suas ideias e transformações.

Durante os anos de estudo na graduação, todo o acadêmico precisa trabalhar de forma autônoma, pois o ensino mediado pelos professores é a base do conhecimento, que necessita ser explorado criticamente para a resolução dos problemas. Assim, no futuro, como profissional, o indivíduo por meios dos aspectos sociais e culturais, por ele vivenciados, e por seus estudos poderá atender e auxiliar na transformação da sociedade.

Na Diretriz Curricular estudada, também podemos perceber vários pontos importantes das competências e habilidades de um engenheiro, portanto, para se ter esse perfil, deve-se ter sempre relacionado teoria e prática, onde o ambiente de ensino seja propício para a troca de conhecimento, em que haja um processo ensino-aprendizagem reflexivo.

Há um artigo em que enfatiza todos os núcleos de estudos que deverão estar na grade curricular, trazendo o nome de cada disciplina, além do estágio obrigatório, para se relacionar teoria e prática. Além disso, há a obrigatoriedade do trabalho de final de curso.

Os parágrafos 1º e 2º do Artigo 5º também colocam a importância de projetos multidisciplinares, atividades complementares, sínteses dos conhecimentos adquiridos para se ter uma iniciação científica. Assim, traz a pesquisa como mais uma forma reflexiva de ensino, onde o aluno constrói novos conhecimentos que podem contribuir com o desenvolvimento de sua aprendizagem, preparando um profissional, futuramente, mais empreendedor e transformador.

Art. 5º Cada curso de Engenharia deve possuir um projeto pedagógico que demonstre claramente como o conjunto das atividades previstas garantirá o perfil desejado de seu egresso e o desenvolvimento das competências e habilidades esperadas. [...] favorecendo o trabalho individual e em grupo dos estudantes. (BRASIL, 2002. p.1-2).

Portanto, podemos perceber que não há a palavra autonomia neste documento, mas abrange várias características que podemos presenciar em um indivíduo autônomo, crítico e reflexivo.

Mesmo assim, precisa ser analisado se na prática acontece o que está escrito na Diretriz Curricular, se um acadêmico finaliza seu curso com uma postura crítica, transformadora.

3.2 Diretrizes Curriculares Nacionais: Pedagogia - Licenciatura

Nesta resolução analisada, podemos perceber que presencia a criação de princípios e condições de ensino para os cursos de Pedagogia – Licenciatura, evidenciando a formação “inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar [...]”. (BRASIL, 2006. p. 1).

Na Diretriz Curricular dos cursos de Pedagogia ratifica a influência e a importância do planejamento, da avaliação, da aplicação dos conteúdos, de forma crítica e reflexiva, mas em nenhum momento há a palavra autonomia se referindo ao aluno, e sim há uma única vez falando da autonomia da instituição acadêmica.

Contudo, percebemos que se dá uma grande importância na construção e troca de conhecimento, além de partir do princípio que a formação contribua para o desenvolvimento de um profissional crítico, reflexivo e transformador para o desenvolvimento da sociedade.

Neste estudo fala-se das idéias que devem percorrer a formação do acadêmico, onde perceba a importância da escola, da pesquisa e a participação na gestão escolar:

Para a formação do licenciado em Pedagogia é central:

- I - o conhecimento da escola como organização complexa que tem a função de promover a educação para e na cidadania;
- II - a pesquisa, a análise e a aplicação dos resultados de investigações de interesse da área educacional;
- III - a participação na gestão de processos educativos e na organização e funcionamento de sistemas e instituições de ensino. (BRASIL, 2006, p.1).

Partindo deste princípio de formação do acadêmico, o egresso do curso deve estar apto a participar de todo o processo de ensino-aprendizagem com ética e respeito, compreendendo todas as relações de ensino e disciplinas para lecionar, além de desenvolver a aprendizagem de todos aqueles que necessitem, demonstrando consciência da diversidade.

Em alguns artigos do documento é enfatizado a importância do respeito a diversidade nacional, principalmente para a formação de professores que no futuro poderão trabalhar com tribos indígenas ou remanescentes de quilombos, além de

dar autonomia as instituições para estruturar os núcleos de ensino, dependendo de sua cultura, mais as disciplinas obrigatórias.

Na grade curricular também se faz necessário os estágios obrigatórios, atividades complementares ou extracurriculares e o trabalho de conclusão de curso, relacionando teoria e prática.

Portanto, analisamos que como o curso em questão é uma licenciatura, há mais preocupação com o respeito a diversidade, partindo do princípio de o acadêmico se tornar um profissional que trabalhará com relações sociais, étnico-raciais, historicamente diferentes, como podemos perceber no primeiro parágrafo do artigo segundo (BRASIL, 2006. p.1):

Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo.

Assim, com este respeito em sua grade curricular devido a diversidade nacional, a Diretriz Curricular também traz a importância da pesquisa, da criticidade e da reflexão para todo e qualquer acadêmico do curso, onde possa construir novos conhecimentos para a transformação da sociedade por meio do processo ensino-aprendizagem em sala de aula.

4 METODOLOGIA

A pesquisa é a construção do conhecimento de aprendizagem do próprio indivíduo e de todos que participam deste ato exploratório e investigativo. Visa, assim, relacionar os aspectos objetivos e subjetivos da realidade que envolve o objeto a ser pesquisado.

A pesquisa inicia-se sempre de uma pergunta. Existem perguntas cujas respostas são encontradas na literatura. Há perguntas cujas respostas não são conhecidas. O pesquisador deve procurar respostas às perguntas que ainda não foram respondidas ou o foram de maneira incompleta, insatisfatória ou inadequada. Em suma, a finalidade é a busca de novos conhecimentos. O progresso do conhecimento baseado na pesquisa. (GOLDENBERG apud CLARK; CASTRO, 2003, p. 68).

A partir desta concepção de pesquisa procura-se compreender a percepção dos estudantes do Ensino Superior, dos cursos de Pedagogia e Engenharia Civil, acerca do desenvolvimento da autonomia em sala de aula, tentando perceber como é a relação professor e aluno e também a metodologia em sala de aula, a partir dos olhares dos acadêmicos.

4.1 Abordagem Metodológica

A abordagem, neste trabalho, foi com uma pesquisa qualitativa. Foi aplicado um questionário para se perceber e analisar o desenvolvimento de ideias individuais dos acadêmicos.

Como diz Souza; Souza (2006 apud ACAFE, 2008, p. 10):

A pesquisa qualitativa trabalha com o subjetivo, com a descrição, com a compreensão. Possibilita narrativas ricas e interpretações individuais. É organicista, pois o todo é mais do que as partes. Os elementos básicos da análise são palavras e idéias. Desenvolve a teoria.

Mas é quantitativa no mesmo momento, pois houve uma análise dos dados generalizando os fatos pesquisados, que são as respostas, por meio do instrumento de pesquisa, o questionário.

4.2 População e Amostra

Para a pesquisa de campo deste estudo, foi selecionada uma amostra com 39 acadêmicos de dois cursos de áreas diferentes. A pesquisa foi realizada por meio de questionário entregue aos acadêmicos da última fase dos cursos de Pedagogia e Engenharia Civil da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, localizada em Criciúma, Santa Catarina.

Para realizar a pesquisa, foi agendada uma data com o Coordenador de cada curso, sendo permitida a pesquisa por meio de uma autorização, devidamente assinada pelos responsáveis dos cursos de Engenharia Civil e Pedagogia.

No dia agendado, a pesquisadora compareceu às turmas da última fase de cada curso para a devida aplicação do questionário, sendo feita uma breve introdução e apresentação, além de aplicar e recolher todos os instrumentos de pesquisa.

4.3 Instrumento de Coleta de Dados

O instrumento para a coleta de dados desta pesquisa foi um questionário. Com o questionário, pretendeu-se conseguir alcançar os objetivos com maior exatidão, tendo 4 questões abertas e 8 questões fechadas.

Além disso, este instrumento é mais prático e seguro para os indivíduos pesquisados, pois assegura o anonimato.

4.4 Caracterização do Local de Estudo

Os alunos escolhidos para aplicação do questionário deste estudo são acadêmicos de dois cursos da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense), com sede em Criciúma (SC), cuja missão é "educar, por meio do ensino, pesquisa e extensão, para promover a qualidade e a sustentabilidade do ambiente de vida".

A UNESC alcançou o status de Universidade em 1997, tendo como sua mantenedora a FUCRI. Fundamenta-se no tripé ensino – pesquisa – extensão, e conta hoje com 38 cursos de graduação, 43 habilitações, quatro programas de mestrado e um de doutorado, além de 79 projetos de extensão em andamento.

Dentre todos os cursos da UNESC, os Cursos escolhidos para a pesquisa de campo foram Pedagogia – Licenciatura, criado em 1969, juntamente com a Fucri, mantenedora da universidade e Engenharia Cível que começou anos mais tarde, em 1991.

Estes cursos foram escolhidos por possuírem enfoques profissionais diferentes e estarem em áreas de estudos bem diversificadas, ampliando a pesquisa de forma a analisar visões e espaços universitários diferentes.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão analisadas as respostas dos entrevistados. Lembrando que a pesquisa realizou-se na UNESC, nos cursos de Pedagogia e Engenharia Cível. Sendo que os alunos pesquisados são da última fase de cada curso.

A cada aluno foi entregue um questionário contendo 12 questões, sendo 8 questões fechadas e 4 abertas. No momento da entrega do instrumento de pesquisa, foi observado que um aluno do curso de Engenharia Cível, devolveu sem responder, portanto dos 39 acadêmicos entrevistados, 20 são do curso de Pedagogia e 19 de Engenharia Cível. Para facilitar a leitura da análise, colocaremos a sigla EC para Engenharia Cível e P para Pedagogia.

A primeira questão foi mais geral, para podermos conhecer o perfil dos alunos que participaram da entrevistas, analisando idade, sexo e profissão. Então, podemos perceber que no curso EC a maioria dos entrevistados são do sexo masculino, sendo somente duas do sexo feminino, na faixa dos 22 a 39 anos. Já no curso P podemos enfatizar que são todas do sexo feminino na faixa dos 21 a 43 anos. Como podemos observar no gráfico a seguir:

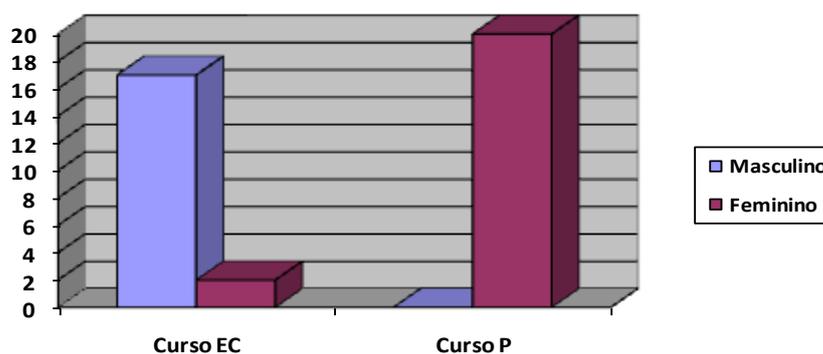


Gráfico 1 – Sexo dos entrevistados

Fonte: Dados da pesquisadora

É possível perceber que a procura no curso de P é na maioria feita por mulheres, havendo, neste caso, unanimidade. No curso EC, vimos o contrário.

De acordo com a profissão dos entrevistados, fica mais diversificado.

Percebe-se, de um modo geral, a maioria dos entrevistados já está trabalhando na sua área de estudo, mas alguns estão somente estudando, esperando se formarem.

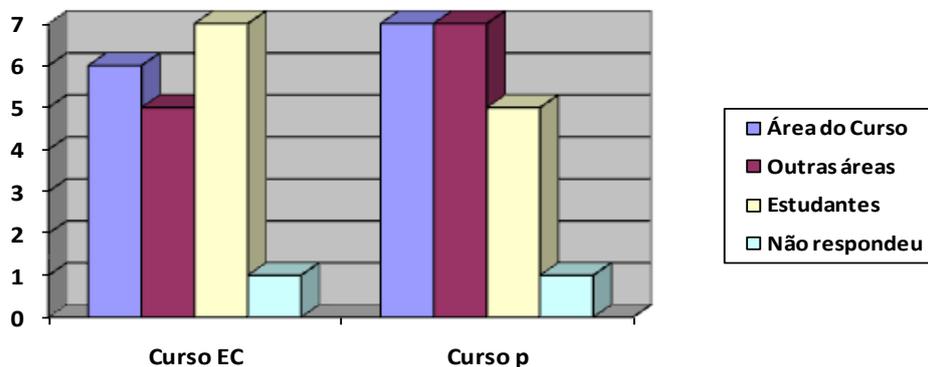


Gráfico 2 – Profissão dos entrevistados

Fonte: Dados da pesquisadora

As próximas perguntas do instrumento tiveram o intuito de perceber a visão dos alunos com o trabalho proposto pelos professores e pelo curso durante os períodos de aula, visando conhecer se eles participam de modo autônomo, crítico no processo ensino-aprendizagem, favorecendo com o desenvolvimento e a construção dos conhecimentos.

A segunda pergunta instigava se o professor desenvolve trabalhos de pesquisa, em que o aluno precisa investigar e explorar dados teóricos e práticos. Comparou-se que, de um modo geral, somente dois dos entrevistados responderam negativamente, sendo estes dois do curso EC.



Gráfico 3 – Desenvolvimento de trabalhos de pesquisa, explorando dados teóricos e práticos

Fonte: Dados da pesquisadora

Pode-se, então, entender que os professores sabem da importância de relacionar teoria e prática, colocando a pesquisa como ponto essencial para que seja desenvolvido o aprendizado do aluno, como diz Pimenta (1997 apud PIMENTA; ANASTASIOU; CAVALLET, 2002, p.212): “o professor universitário precisa atuar como profissional reflexivo, crítico e competente no âmbito de sua disciplina, além de capacitado a exercer a docência e realizar atividades de investigação”.

O uso de tecnologias diversificadas também necessita se fazer presente no processo de ensino-aprendizagem, para que estimule, nos acadêmicos, a inovação, a pesquisa e a procura de novas informações que se transformem em conhecimento. Assim, questionamos quanto ao uso de tecnologias em sala de aula.



Gráfico 4 – Uso de tecnologias diversificadas

Fonte: Dados da pesquisadora

Desta análise, constatou-se que no curso EC se faz presente uma aula expositiva, com um maior momento de explanação do professor sem uso de tecnologias diferenciadas, podendo haver troca de conhecimento ou não. No entanto, sabe-se que o uso de tecnologias não, necessariamente, propiciará momentos de reflexão, mas é uma nova possibilidade, um novo olhar frente ao processo de ensino-aprendizagem.

O uso de novas tecnologias pode ser inovador, desde que favoreça modos de ensinar e de aprender mais dinâmicos, interativos, desde que se ofereçam novas possibilidades e novos procedimentos para resolver velhos problemas ligados à metodologia, à relação professor-aluno e à avaliação da aprendizagem. (VOLPATO, 2007. p. 166).

Por isso, foi interrogado quanto à forma expositiva dos professores, se há momentos de discussão e troca de conhecimentos. E verificou-se que de um modo

geral os professores fazem aulas com discussões e troca de conhecimentos, fazendo sua exposição de conteúdo.

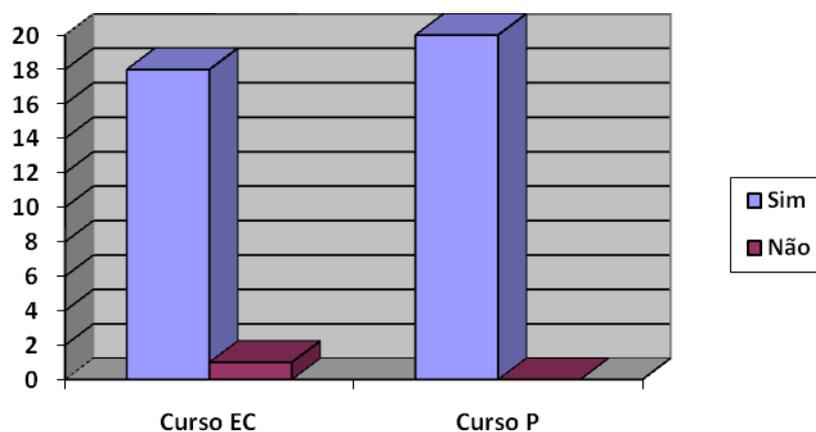


Gráfico 5 – Forma expositiva do professor com troca de conhecimentos

Fonte: Dados da pesquisadora

Assim, foi possível analisar que os professores trabalham com discussões reflexivas, havendo troca de saberes e informações para que haja a apropriação de novos conhecimentos. Pois se entende que:

[...] conhecer não se reduz a se informar, que não basta se expor aos meios de informação para adquiri-la, senão que é preciso operar com as informações na direção de, a partir delas, chegar ao conhecimento, então parece-nos que a universidade (e os professores) tem um grande trabalho a realizar, que é proceder à mediação entre a sociedade da informação e os alunos, no sentido de possibilitar que, pelo exercício da reflexão, adquiram a *sabedoria* necessária à permanente construção do humano. (PIMENTA; ANASTASIOU; CAVALLET, 2002, p.210-211).

Entende-se que havendo esta mediação do professor entre a informação e o acadêmico, auxiliará o desenvolvimento da aprendizagem e da construção de novos conhecimentos, além de promover a autonomia no educando, pois este será estimulado a participar do processo de ensino-aprendizagem, refletindo, pesquisando e transformando seus pensamentos num debate respeitoso e crítico.

Com esta ideia, foi questionado aos acadêmicos se as atividades propostas pelos professores contribuíram para o desenvolvimento de sua autonomia. E foram obtidas respostas, na maioria, afirmativas. Assim, confirma-se que com a troca de conhecimentos e uma discussão reflexiva em sala de aula, há o desenvolvimento da autonomia.

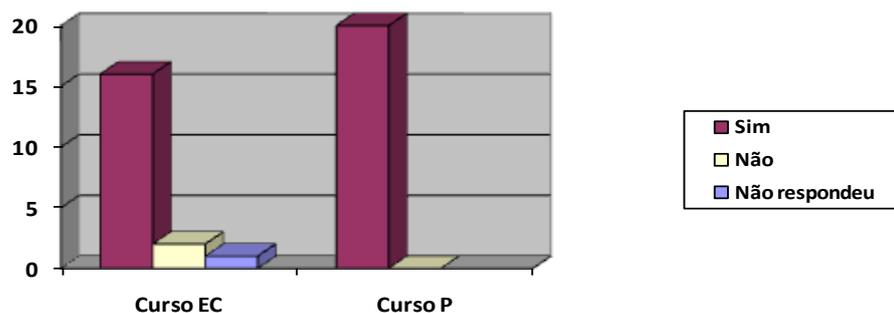


Gráfico 6 – Contribuição das atividades para o desenvolvimento da autonomia

Fonte: Dados da pesquisadora

Com análise do gráfico, percebeu-se que dependendo da atividade realizada em sala de aula, mediada pelo professor, ela propiciará ou não o desenvolvimento da autonomia dos educandos. Sempre que houver reflexão e criticidade, se estará instigando a participação e a construção de novos conhecimentos em todos aqueles que participam do processo de ensino-aprendizagem - professor e alunos.

Então, nesse caso, o professor estará trabalhando com autoridade e o aluno desenvolverá sua autonomia, pois “a autonomia discente é um dos tantos desdobramentos concretos da autoridade docente: o antídoto extraído do próprio veneno”. (AQUINO, 1999 apud VOLPATO, 2007. p. 171)

Em outra pergunta, investigou-se se há a relação entre a teoria e prática nos conteúdos explanados pelo professor. Analisando as respostas viu-se que no curso EC, somente um respondeu negativamente. Já no curso P, houve quatro respostas negativas.



Gráfico 7 – Conteúdos explanados com relação de teoria e prática

Fonte: Dados da pesquisadora

Numa explicação de qualquer conteúdo, o docente deve explicar de forma que o aluno consiga apropriar-se daquela informação, transformando-a em conhecimento. Por isso se faz necessário esta relação de teoria e prática, pois nada se faz somente com a teoria e nada se faz só com a prática; elas andam interligadas. Uma explicação precisa ter exemplos, demonstrações do dia-a-dia, do que pode acontecer ou não com a teoria fundamentada.

A relação teoria e prática é a unidade indivisível que reúne as condições de os alunos compreenderem com maior profundidade o objeto de conhecimento. A relação teoria e prática é alcançada, na perspectiva dos alunos e professores, quando conseguem “visualizar” o objeto de conhecimento. (VOLPATO, 2007. p. 165)

Para um docente saber dessa importância da relação teoria e prática, ele necessita de uma formação de professores universitários, onde avalie a postura em sala de aula e troque ideias com outros professores para transformar a maneira, a prática pedagógica de ensinar e aprender.

Para um professor universitário é importante que tenha pleno conhecimento sobre sua área profissional, mas acima de tudo saber ser professor, ter atitude pedagógica em sala de aula, pois um bom professor é aquele que “pensa, organiza e delinea uma intervenção pedagógica atento à complexa rede de dimensões que permeia sua função social”. (BATISTA, 1997 apud BATISTA; BATISTA, 2002, p. 190).

Assim, entende-se que um docente não é só aquele que transmite informações, mas aquele que media o conhecimento, fazendo relação de teoria e prática, tendo a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, em que o docente tem

[...] conhecimento sólido e atualizado no campo da docência; participação na produção do conhecimento em sua área de atuação; domínio de técnicas necessárias ao seu desempenho profissional; realização das atividades de ensino com atenção para as dimensões da construção ativa do conhecimento (aprender a aprender); ciência da importância da atividade de pesquisa *para a e na* futura prática profissional, da linguagem, da interação professor/aluno, da clareza e da organização das aulas e exposições [...]. (BATISTA; BATISTA, 2002, p. 190).

A próxima pergunta partia para uma resposta aberta, onde questionou-se como é a relação professor e aluno dentro da sala de aula e obtiveram-se respostas

diferenciadas. No curso P, de modo geral, todos responderam que a relação professor e aluno se faz presente com respeito e troca de conhecimento, algumas entrevistadas salientaram que dependia do professor, mas na maioria das vezes era muito boa. Eis algumas respostas mais completas: “é boa e possibilita o aluno a questionar suas dúvidas e adquirir conhecimento”; “os professores dão oportunidade dos alunos exporem suas opiniões”. Assim, entendemos que há a mediação e uma relação recíproca de respeito.

Já no curso EC, muitos responderam que era agradável, boa ou que dependia do professor, alguns citaram que era cordial, de respeito. Somente 3 responderam, brevemente, “ótima” ou “muito boa”. Mas uma resposta chamou mais atenção, pois o entrevistado salientou: “o professor de modo geral se comporta na maioria das vezes como autoritário, não valoriza o aluno”.

Esta resposta nos leva a refletir, no quanto é importante a relação professor e aluno, que possam respeitar suas diferenças e participarem juntos para a inovação e a construção do conhecimento, podendo transformar ou reinventar paradigmas. O docente deve ter muitos atributos para se tornar um professor universitário, sendo que se relacionar com seus educandos pode ser essencial para o desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem:

[...] um professor universitário envolvido efetivamente com seu trabalho acadêmico [...] deve ter domínio do conteúdo da disciplina que leciona e dos aspectos didático-pedagógicos, a possibilidade de uma relação interpessoal e afetivo com o aluno, compromisso profissional com a docência, investimento no processo de independência e autonomia intelectual e assunção de uma postura ético-política diante das ações acadêmicas. (BATISTA; BATISTA, 2002, p. 189).

Assim, entende-se que uma posição hierárquica do professor não deve existir, pois havendo uma relação interpessoal com seus alunos, o docente propiciará um trabalho compartilhado para o desenvolvimento da aprendizagem de todos os envolvidos.

Os professores que se aproximam dos alunos, os escutam, se interessam pelas suas dificuldades e problemas e se colocam numa posição de igualdade de condições e de direito são valorizados por eles. São posturas assim que favorecem a construção de uma relação compartilhada, de respeito e responsabilidades. (VOLPATO, 2007. p. 168).

Foi questionado, também, quanto a existência de projetos de extensão,

em que se trabalha a pesquisa e o ensino na prática, pedindo que os entrevistados citassem algum projeto que haviam participado. Percebeu-se aí a dificuldade de horário para participação, devido ao emprego e ao estudo, ou pela não propaganda feita aos alunos por parte dos professores e das secretarias.

No curso EC, viu-se que 6 acadêmicos ficaram sem responder, 5 afirmaram que não havia projetos de extensão, 5 afirmaram que existe, mas que não participaram devido ao horário, emprego e estudo. Somente 3 alunos colocaram que participam ou já participaram, respondendo da seguinte forma: “Sim. Projeto do PIC 170, realizado no LMCC”. (entrevistado 1); “Trabalhei e participei na pesquisa referente a uma bola de concreto que tinha como objetivo participar do concurso da Concrebol – realizada pelo IBRACON”. (entrevistado 2); e “ Sim, inclusão de agregados reciclados no concreto”. (entrevistado 3).

No curso P, algumas respostas se repetiram, mas houve a diferença com relação ao número de acadêmicos que participaram ou participam de projetos. 6 entrevistadas responderam que não podiam ou não sabiam da existência dos projetos de extensão, 4 citaram as palestras, exposições e colóquios, 2 citaram os estágios obrigatórios e trabalhos realizados com turmas do 1º e 5º ano do Ensino Fundamental e 5 responderam sobre um projeto de capacitação ou formação continuada para os professores da Prefeitura Municipal de Criciúma.

Neste caso, cabe salientar que muitos acadêmicos não podem participar, pois, durante o dia, estão trabalhando e à noite, estudando, tendo também uma vida pessoal fora dos muros da universidade.

Percebe-se, porém, em algumas respostas, que muitos alunos desconhecem a existência de projetos de extensão. Cabe aqui deixar uma observação que, essas respostas, podem valer-se do fato da falta de tempo para pesquisarem sobre o assunto. No entanto, os professores podem, também, dar estímulos para que participem, comentando-os em sala de aula. Sabemos da importância dos projetos de extensão, pois mostram, na prática, muitos assuntos tratados somente com a teoria em sala de aula.

Por isso um professor universitário não deve ser somente o melhor da sua área profissional, mas deve estar preparado pedagogicamente para lecionar, para não transferir conhecimentos e sim mediá-los, “[...] empreendendo movimentos de construção teórico-metodológica, emerge como possibilidade fecunda para todos os que, comprometidos com o ensino superior, projetam uma educação de qualidade

para homens e mulheres, crianças e jovens” (BATISTA; BATISTA, 2002. p. 202). Assim, será possível avançar para uma docência no Ensino Superior inovadora, propositalmente preocupada com o desenvolvimento dos acadêmicos e com a transformação da sociedade.

Continuando com a análise, foi questionado se em algumas disciplinas, os acadêmicos se sentiam mais desafiados a participar das aulas, pesquisar e tivemos uma resposta unânime: sim.

Então perguntou-se, também, se os professores oportunizavam o debate de questões da atualidade e foi pedido o nome destas disciplinas. No curso EC, todos responderam afirmativamente, sinalizando, em geral, algumas disciplinas:

Tabela 1 – Disciplinas escolhidas pelos acadêmicos do curso EC

Disciplina	Quant. de Escolhas
Estrutura de Concreto I e III	14
Gerenciamento de Obras	5
Fundações	4
Patologias das Construções	4
Mecânica dos Solos	4
Patologia	3
Custos e Orçamentos	2
Higiene e Segurança no trabalho	1
Organização Administrativa de Empresas	1
Direito e Legislação	1

Fonte: Dados da pesquisadora

No curso P, todos, também, responderam que sim, evidenciando algumas disciplinas também:

Tabela 2 – Disciplinas escolhidas pelos acadêmicos do curso P

Disciplinas	Quant. de Escolhas
Políticas, Normas e Organização escolar I e II	15
Currículo e Sociedade	11
Gestão Escolar	10

Didática	3
Filosofia	1
Sociologia I	1
Educação Infantil	1
Psicopedagogia	1

Fonte: Dados da pesquisadora

Assim, pode-se perceber que trocar informações é muito importante em sala de aula, pois assim, haverá a construção do conhecimento com a troca entre professor e aluno, além da reflexão, já que “[...] conhecimento não se reduz a informação. Este é o primeiro estágio daquele. Conhecer implica um segundo estágio, o de trabalhar com as informações classificando-as, analisando-as e contextualizando-as [...]” (PIMENTA; ANASTASIOU; CAVALLET, 2002. p. 209).

Partindo da relação professor e aluno, no processo de ensino-aprendizagem, questionou-se como o curso possibilita o desenvolvimento do senso crítico. Então, foram recebidas várias respostas dos acadêmicos dos dois cursos, sendo que alguns não responderam, como no curso EC que 6 deixaram em branco e 2 comentaram que não há o desenvolvimento do senso crítico, pois não há tantos debates ou trocas de experiências. Em contrapartida, a maioria dos acadêmicos respondeu que a partir dos debates sobre informações recentes ou construções há o desenvolvimento da criticidade e da reflexão.

No curso P, todas colocaram que há o desenvolvimento do senso crítico por meio de debates, trabalho de pesquisa de campo e nos momentos que oportunizam os alunos a darem suas opiniões, suas reflexões. Uma entrevistada escreveu: “Pelo modo com que se desenvolvem as aulas, instigando os alunos a procurarem respostas próprias, indagando-os e desafiando-os sobre questões da atualidade. A leitura de textos também possibilita a fuga da alienação passiva”.

Com estas respostas, compreende-se que quanto mais o curso e os professores estiverem preparados para a docência, mais os alunos se prepararão para uma vida profissional embasada na criticidade e na reflexão, desenvolvendo sua autonomia.

O professor necessita refletir sobre sua prática sempre, pautando na participação do aluno como parceiro da construção e troca de conhecimento. Assim, o docente irá reelaborar seus saberes, pois

o processo identitário se constrói com base em significados sociais da profissão, da revisão das tradições, no significado que cada professor, como autor e ator, confere à atividade docente em seu cotidiano, por meio da discussão da questão do conhecimento como ciência e da construção dos saberes pedagógicos. (PIMENTA, 1999 apud PIMENTA; ANASTASIOU; CAVALLET, 2002. p. 219).

Por isso, na última pergunta, foi questionada qual a principal contribuição do curso para a formação profissional e para sua vida. E verificou-se que no curso EC, muitos não responderam ou simplesmente falaram que ajudaria para a formação profissional, para crescimento com relação ao conhecimento da área. Duas respostas chamaram a atenção por serem diferentes das demais: “Formação profissional. E ajuda-me a ser cada vez mais um melhor cidadão, olhando cada vez mais os assuntos relacionados com a comunidade” (entrevistado 1) e “Como profissional, o curso nos contribui sobre as responsabilidades técnicas de cada atividade e para minha vida contribui muito para meu crescimento” (entrevistado 2).

No curso P, todos os entrevistados responderam que o curso contribui com muita teoria para embasar a prática, dando novos olhares para o desenvolvimento profissional, sempre comentado que o curso possibilitou uma visão de mais respeito para com as outras pessoas. Uma resposta chamou atenção, pois ela mostrou sentimento por tudo que ela presenciou nos anos do curso:

Tive uma nova percepção do papel do professor. Há um ano atrás, não sei se pelo fato de entrar em um grupo de pesquisa e ter mais tempo para estudar ou se foi o processo do curso, mas ambos contribuíram para a mudança do meu entendimento sobre a função social do educador e do ensino, da organização e planejamento do mesmo (entrevistada).

Finalizando a análise, percebeu-se o quanto é importante a interação professor e aluno, o quanto se faz necessário a troca de conhecimento para que o aluno possa desenvolver sua autonomia e seu senso crítico para, no futuro, ser um bom cidadão, profissional que procure fazer o melhor para a sociedade, pois ainda “há esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir, aos obstáculos à nossa alegria” (FREIRE, 1996 apud VOLPATO, 2007, p. 174).

Com este intuito e com toda a pesquisa de campo, constatou-se que muitos professores universitários já estão percebendo a importância dos saberes pedagógicos, de mediar e trocar conhecimentos com seus alunos de forma que

todos participem no processo de ensino-aprendizagem, como diz Volpato (2007. p. 177):

O mais importante é que esses esforços dos professores, embora ainda não tenham força para mudar as macro-estruturas, produzem um movimento de mudanças nas salas de aula, qualificando o processo de formação na medida em que estão voltados a um só objetivo: fazer com que os alunos aprendam e internalizem os conhecimentos.

Em suma, ainda necessita-se de muitos estudos, avaliações e reflexões sobre a prática dos professores universitários e sua formação docente, mas já está sendo iniciado este caminho, mostrando a importância de conhecer os saberes pedagógicos e propiciar uma aula prazerosa aos acadêmicos, de forma que estes internalizem e apropriem novos conhecimentos.

6 CONCLUSÃO

A conclusão de um trabalho traz consigo a sensação de missão cumprida. As angústias foram superadas, permanecendo a alegria do desafio vencido. Esta pesquisa partiu das discussões que aconteceram durante o período de aulas no curso de especialização em Docência do Ensino Superior, na UNESC, nos quais percebemos que muitos professores universitários não são formados para lecionar, e sim, em sua área profissional, dificultando todo o processo de ensino-aprendizagem, além da relação professor e aluno. Por isso o tema escolhido foi metodologia do ensino superior e o desenvolvimento da autonomia.

Nossa pesquisa baseou-se em autores que estudam sobre a metodologia de ensino no ensino superior e a formação de professores universitários, o que permitiu-nos perceber que muitos professores apesar de serem ótimos em suas áreas profissionais, podem pecar numa sala de aula, por não saberem a melhor forma de lecionar e qual a posição de um docente frente a um aluno. Assim, entendemos que a relação pedagógica favorece a construção da autonomia do aluno por meio do respeito, da cumplicidade, da confiança e da responsabilidade criada na relação professor e aluno.

Com a pesquisa teórica, confirmamos que todos os professores precisam de uma formação de docentes para integrar seus conhecimentos e auto-avaliarem seus posicionamentos em sala de aula. Que possam trocar experiências e assim, perceber a importância da mediação e construção do conhecimento em sala de aula com a participação dos alunos. Além disso, todo o bom profissional em educação não deve ver o trabalho docente como um mero trabalho, pois ser professor é formar cidadãos para poderem transformar a sociedade.

A partir destes estudos, também podemos perceber que uma metodologia baseada na troca de conhecimentos, na reflexão e criticidade, pode auxiliar a desenvolver nos acadêmicos a autonomia, de forma que possam ser reflexivos e críticos frente às informações recebidas.

Com o referencial teórico construído, partimos para a próxima etapa, a coleta de dados, para respondermos a todas as questões da pesquisa.

A coleta de dados foi fundamental para alcançar os objetivos, possibilitando-nos conhecer a prática do professor em sala de aula. Este processo

investigativo foi obtido por meio de um questionário realizado com os alunos que nos permitiram conhecer a visão do acadêmico sobre a metodologia utilizada pelos professores, a relação professor e aluno e o desenvolvimento da autonomia.

Para podermos fazer a pesquisa de campo, tivemos que, em primeiro lugar, conversar com os coordenadores dos cursos de Engenharia Civil e Pedagogia da UNESC, onde fomos bem recebidos e, sendo conversado com os coordenadores de cada curso, podemos realizar a pesquisa. Com o questionário entregue aos alunos, frente à observação da pesquisadora, pode ser percebido que alguns estavam um pouco desconfortáveis, mas somente um aluno acabou entregando sem fazer.

Com todos os questionários respondidos, foi possível analisar que alguns professores desenvolvem suas aulas de forma expositiva sem muita troca de conhecimento com os alunos, desfavorecendo o desenvolvimento da autonomia dos mesmos, pois a transmissão do conteúdo não auxilia na reflexão e criticidade.

Avaliamos que a partir de uma metodologia baseada na troca de conhecimentos, na mediação do docente com reflexão e criticidade, cria-se um espaço onde há um processo de ensino-aprendizagem baseado na participação de todos os presentes no espaço.

Com nossa pesquisa, também percebemos que muitos alunos ainda não participam da iniciação científica, de pesquisa e projetos de extensão, tão importantes para o desenvolvimento da aprendizagem de diversos conteúdos, relacionando teoria e prática.

Assim, vimos que é necessário o estímulo por parte dos professores, que possam trabalhar de forma mais criativa alguns conteúdos em que necessitam fazer pesquisas de campo, relacionando a teoria em sala de aula com a prática.

A partir de todo o questionário, fortaleceu nossos pensamentos de que os docentes universitários precisam estar mais preparados para poderem garantir o desenvolvimento da aprendizagem da autonomia dos acadêmicos, pois muitos estão preocupados com sua área profissional e esquecem que lecionando estão formando novos profissionais e estes necessitam ter uma estrutura sólida de conhecimentos e ideias para serem cidadãos que auxiliem no progresso da transformação da sociedade.

Considerando os dados levantados na pesquisa e também no referencial teórico, confirmamos aqui que o professor precisa fazer sempre a auto-avaliação de

sua prática pedagógica e analisar qual o objetivo que deseja alcançar juntamente com o grupo de alunos com quem está atuando, de modo a atender as necessidades deles, favorecendo um melhor processo de ensino-aprendizagem.

Esperamos que este trabalho contribua para a reflexão dos professores no que se refere à relação professor x aluno, com resultados positivos para a qualidade de ensino, pela revisão da prática docente, fundamentada numa concepção de autoridade para a construção da autonomia do aluno, para que este possa adquirir e aprimorar os conhecimentos contribuindo para a transformação da sociedade. Alimentando, assim, novos pesquisadores sobre o tema, no sentido de mudar a realidade em que vivemos para uma melhor qualidade de vida para todos, em todas as instâncias.

REFERÊNCIAS

ACAFE. **Métodos e técnicas em pesquisa**. Unidade I, 2008. p. 8-27.

BALZAN, Newton César. Indissociabilidade ensino-pesquisa como princípio metodológico. In: VEIGA, Ilma Passos. **Pedagogia Universitária: a aula em foco**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p. 115-136.

BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva; BATISTA, Nildo Alves. A formação do professor universitário: desafios e possibilidades. In: SEVERINO, Antônio Joaquim; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Orgs.). **Formação docente: rupturas e possibilidades**. Campinas, SP: Papirus, 2002. p. 185-205.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Engenharia**. Parecer CES 1.362/2001, homologação publicada no DOU 25/02/2002, Seção 1, p. 17. Resolução CES/CNE 11/2002, publicada no DOU 09/04/2002, Seção 1, p. 32.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia**. Parecer CP/CNE 05_2005, homologação publicada no DOU 15/05/2006, Seção 1, p. 10. Parecer CP/CNE 03_2006, homologação publicada no DOU 11/04/2006, Seção 1, p. 19. Resolução CP/CNE 01/2006, publicada no DOU 16/05/2006, Seção 1, p. 11.

CLARK, Otávio Augusto Câmara; CASTRO, Aldemar Araújo. **A pesquisa**. [s.l]: 2003. p. 67-69. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pob/v17s1/a11v17s1.pdf> . Acesso em 16 fevereiro. 2011.

CORREIA, José Alberto; MATOS, Manuel. Do poder à autoridade dos professores: o impacto da globalização na desconstrução da profissionalidade docente. In: VEIGA, Ilma P. A; CUNHA, Maria Isabel (Org.) **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Papirus, 1999. p. 9-29.

CONTRERAS, José. Autonomia de professores. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002. 296p. Resenha de: REIS, Ailton Gonçalves. **R. Faced**, Salvador, n.11, p.223-234, jan/jun. 2007

CUNHA, Maria Isabel. Inovação como perspectiva emancipatória no ensino superior: mito ou possibilidade? In: CANDAU, Vera M. (Org.). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 133-147.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; CAVALLET, Valdo José. Docência no ensino superior: construindo caminhos. In: SEVERINO, Antônio Joaquim; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Orgs.). **Formação docente: rupturas e possibilidades**. Campinas, SP: Papirus, 2002. p. 207-221.

SOUZA, Francini Medeiros de. **Relações pedagógicas de autoridade e autoritarismo nas séries/anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2008. 53f. TCC (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma.

APÊNDICE

Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Setor de Pós-Graduação Lato Sensu
Especialização em Docência no Ensino Superior
Orientador: Prof. Dr. Ricardo Luiz de Bittencourt
Aluna: Francini Medeiros de Souza Paulo

Questionário para Pesquisa de Campo da Monografia

1. Idade: _____

Sexo: Masculino Feminino

Profissão: _____

2. O professor desenvolve trabalhos de pesquisa, onde o aluno precisa investigar e explorar dados teóricos e práticos?

Sim Não

3. Há o uso de tecnologias diversificadas em sala de aula?

Sim Não

4. O professor trabalha de forma expositiva com momentos de discussão e troca de conhecimentos em sala de aula?

Sim Não

5. As atividades propostas pelos professores contribuem para o desenvolvimento de sua autonomia?

Sim Não

6. O professor faz a relação teoria e prática nos conteúdos explanados?

Sim Não

7. Como é a relação professor e aluno dentro da sala de aula?

8. Há projetos de extensão, onde trabalha-se a pesquisa e o ensino na prática? Cite algum projeto que você participou.

9. Em algumas disciplinas, você se sente mais desafiado a participar das aulas, pesquisar?

Sim Não

10. Nas aulas, os professores oportunizam o debate sobre questões da atualidade?

Sim Não

Qual (quais) disciplina(s): _____

11. Como o curso possibilita o desenvolvimento do senso crítico?

12. Qual a principal contribuição do curso para a sua formação profissional e para sua vida?

ANEXO

SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Criciúma, 25 de março de 2011.

Of. N.º 06/ 11

Ref. Pesquisa de campo/ Coletas de Dados

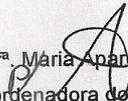
Curso: Pós-Graduação *Lato Sensu* Docência no Ensino Superior

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

A/ C – Coordenador Ricardo Luiz Bittencourt

Com os cordiais cumprimentos, vimos por meio deste, solicitar a oportunidade para a aluna **Francini Medeiros de Souza** a realização das Atividades Práticas com os alunos Universidade para a elaboração do trabalho monográfico do Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior. Podendo ser desenvolvidas no período autorizado pelo departamento solicitado.

Atenciosamente,

Prof.^a  Maria Aparecida da Silva Mélo

Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

Universidade do Extremo
Sul Catarinense - UNESC
Setor de Pós-Graduação
Lato Sensu
Av. Universitária, 1105
B. Universitário - Cep 88806-000
Criciúma - SC - Brasil

FUCRI – FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE CRICIÚMA (mantenedora)

Avenida Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – Criciúma/SC – CEP 88806-000 – Fone: (48) 431-2626 –
Fax: (48) 431-2625 – <http://www.unesc.net>

SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Criciúma, 25 de março de 2011.

Of. N.º 07/ 11

Ref. Pesquisa de campo/ Coletas de Dados

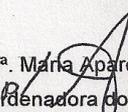
Curso: Pós-Graduação *Lato Sensu* Docência no Ensino Superior

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

A/ C – Coordenador Alexandre Vargas

Com os cordiais cumprimentos, vimos por meio deste, solicitar a oportunidade para a aluna **Francini Medeiros de Souza** a realização das Atividades Práticas com os alunos Universidade para a elaboração do trabalho monográfico do Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior. Podendo ser desenvolvidas no período autorizado pelo departamento solicitado.

Atenciosamente,

Profª.  Maria Aparecida da Silva Mélo
Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

Universidade do Extremo
Sul Catarinense - UNESC
Setor de Pós-Graduação
Lato Sensu
Av. Universitária, 1105
B. Universitário - Cep 88806-000
Criciúma - SC - Brasil

FUCRI – FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE CRICIÚMA (mantenedora)

Avenida Universitária, 1.105 – Bairro Universitário – Criciúma/SC – CEP 88806-000 – Fone: (48) 431-2626 – Fax: (48) 431-2625 – <http://www.unesc.net>